

## Alimentação dos deuses como prática terapêutica: ultrapassando os valores nutricionais e biológicos

*Food of the gods as a therapeutic practice: beyond nutritional and biological values*

*Alimentación de los dioses como práctica terapéutica: superando los valores nutricionales y biológicos*

Yasmim Mascarenhas<sup>1</sup>  
Denize de Almeida Ribeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

O gosto e os hábitos alimentares nos rituais do candomblé possuem ligações diretas às suas ações sagradas. Comer além da boca possui um significado ampliado, sobretudo no candomblé. Comer é acionar o axé, que é a energia e a força fundamental à vida. Juntos, o modo de preparo, os saberes, e os rituais, irão fazer a transmissão do axé. Visto que alimentar-se está além de um ato biológico, que implica também em aspectos culturais, sociais, psicológicos e espirituais, o projeto intitulado “Práticas Alimentares e Terapêuticas em Comunidades Tradicionais do Recôncavo da Bahia” objetivou conhecer as práticas alimentares e terapêuticas em terreiros de candomblé e a importância da alimentação no que diz respeito ao bem-estar físico e espiritual. O conhecimento da complexidade das conexões espirituais que se desenvolvem no interior de um terreiro de candomblé, muitas vezes, não é algo mensurável, até mesmo pelos adeptos, apresentando-se, assim, como um complexo sistema religioso. Dessa forma, a alimentação é algo intrincado nessa religião que se pode até dizer que um não vive sem o outro, assim como o bem-estar físico e espiritual estão interligados e compreendem a concepção de saúde no candomblé. A alimentação no contexto dessa religião tem um papel simbólico de comunicação entre os seres e os deuses, pois é por meio das trocas energéticas que eles nutrem e são nutridos.

**Palavras-chave:** Alimentação; Candomblé; Espiritualidade.

### ABSTRACT

The tastes and eating habits in Candomblé rituals are directly linked to its sacred actions. Eating, beyond mere consumption, carries an expanded meaning, especially in *Candomblé*. To eat is to activate the *axé*, the fundamental energy and force of life. Together, the preparation methods, knowledge, and rituals transmit *axé*. Since nourishment goes beyond a biological act, encompassing cultural, social, psychological, and spiritual aspects, the project

<sup>1</sup> Mestranda em Saúde da População Negra e Indígena da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil. Email: yasmimeve74@gmail.com. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6348-4565>.

<sup>2</sup> Pró-reitora de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis da UFRB. Coordenadora do NEGRAS - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça e Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Professora e integrante do colegiado do Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena da UFRB. Salvador, Bahia, Brasil. Email: ialode28@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6280-9989>

entitled “Food and Therapeutic Practices in Traditional Communities of Recôncavo da Bahia” aimed to understand the dietary and therapeutic practices in *Candomblé terreiros* and the significance of food in terms of physical and spiritual well-being. Understanding the complexity of the spiritual connections developed within a *Candomblé terreiro* is often immeasurable, even for its followers, presenting itself as a complex religious system. Thus, food is so intricately woven into this religion that one could say they cannot exist without each other, just as physical and spiritual well-being are interconnected and form the concept of health in *Candomblé*. Food in this religious context holds a symbolic role in communication between beings and deities, as it is through energetic exchanges that they both nourish and are nourished.

**Keywords:** Food; *Candomblé*; Spirituality.

## RESUMEN

El sabor y los hábitos alimentarios en los rituales del *Candomblé* tienen conexiones directas con sus acciones sagradas. Comer, más allá de la boca, tiene un significado ampliado, especialmente en el *Candomblé*. Comer es activar el axé, que es la energía y la fuerza fundamental de la vida. Juntos, el modo de preparación, los conocimientos y los rituales permitirán la transmisión del axé. Dado que la alimentación va más allá de un acto biológico e implica también aspectos culturales, sociales, psicológicos y espirituales, el proyecto titulado “Prácticas Alimentarias y Terapéuticas en Comunidades Tradicionales del Recôncavo de Bahía” tuvo como objetivo conocer las prácticas alimentarias y terapéuticas en los *terreiros de Candomblé* y la importancia de la alimentación en lo que respecta al bienestar físico y espiritual. El conocimiento de la complejidad de las conexiones espirituales que se desarrollan dentro de un *terreiro de Candomblé* a menudo no es algo medible ni siquiera por sus propios adeptos, presentándose así como un sistema religioso complejo. De esta manera, la alimentación está intrínsecamente ligada a esta religión, al punto de que se puede decir que una no existe sin la otra, al igual que el bienestar físico y espiritual están interconectados y forman parte de la concepción de salud en el *Candomblé*. La alimentación, en el contexto de esta religión, tiene un papel simbólico de comunicación entre los seres humanos y los dioses, ya que es a través de los intercambios energéticos que ellos nutren y son nutridos.

**Palabras clave:** Alimentación; *Candomblé*; Espiritualidad.

## Introdução

O gosto e os hábitos alimentares nos rituais do candomblé possuem ligações diretas com suas ações sagradas. Conforme a literatura, o candomblé é uma das religiões que mais possuem rituais relacionados aos alimentos, nos quais, desde o modo que são preparados, a maneira que é oferecido, as atitudes e os rituais propriamente ditos estão carregados de simbolismo em diversos aspectos: econômicos, sociais, políticos, culturais, psicológicos, desta forma, sendo um meio de fundamental importância para comunicação em linguagem própria – a comida<sup>1,2,3</sup>.

Candomblé é um termo de origem Bantu, precisamente da Língua Kikongo. Provém da palavra *ka-ndón-id-é* ou *kán-domb-ed-é*, derivada do verbo *kulomba* ou *kandomba*, o que indica a ação de venerar, adorar, orar e evocar. Para compreendê-lo, é importante ressaltar os princípios e valores do originário e antigo homem africano – a despeito das diversas manifestações comportamentais, cosmovisões, acepções ontológicas e de espiritualidade para os diversos homens e mulheres africanos de distintas etnias<sup>(4)</sup>.

No candomblé e no orixá<sup>i</sup> encontra-se o ciclo perfeito em que por meio da materialização da fé nos alimentos, como os grãos, legumes, carne, papas, quitutes e temperos, se nutre e é nutrido<sup>5,6,7</sup>.

Comer além da boca possui um significado ampliado, sobretudo nas religiões afro-brasileiras. Comer é acionar o axé, que é a energia e a força fundamental à vida do indivíduo. Juntos, o modo de preparo, os saberes e os rituais farão a transmissão do axé<sup>ii</sup>. À medida que o orixá se alimenta, ele também transfere o seu axé, mas, para que essa transmissão energética ocorra, é preciso que se tenha uma série de cuidados com o alimento oferecido, e que este seja bem preparado, dentro dos saberes da culinária afro-brasileira, visto que a falta ou a presença de um ingrediente fora do contexto pode ter implicações na não aceitação da divindade. Os deuses não são apenas comilões; eles possuem as suas peculiaridades e, assim, como os mortais, apreciam o que é bom e possuem as suas preferências<sup>8</sup>.

Para Freitas et al.<sup>9</sup>, o hábito alimentar relaciona-se com a percepção sobre a comida em determinado contexto social, sendo adquirido pela repetição na experiência que cada indivíduo tem ao longo de sua vida. O hábito alimentar traz uma intersubjetividade que se dá num nível pré-reflexivo, ou seja, não se limita à percepção racional ou a uma escolha intencional, mas é uma qualidade onde o indivíduo tece uma infinita rede de símbolos que reflete sua realidade, o cotidiano de seu corpo e sua comida.

No âmbito da religião, sustentam-se variadas conexões individuais e comunitárias de fé e encontro, expressas por meio de rituais, que, no caso do candomblé, tais conexões são feitas pelo alimento<sup>10</sup>.

A Nutrição é a ciência que estuda os alimentos e nutrientes e a sua relação com o bem-estar e saúde. Alimento é toda substância que, ingerida ou absorvida por um ser vivo, o alimenta ou nutre. O hábito de se alimentar não se restringe apenas a

aspectos biológicos, por isso a importância de considerar o indivíduo em todas as suas dimensões<sup>11</sup>.

Dentro da perspectiva da ingestão alimentar, é possível, porém, encontrar também uma problematização dessa forma mais estrita de entender o comer e a sua relação com a saúde, indicando a necessidade de ir além da ideia de ingestão de nutrientes e avançar nas discussões sobre as semelhanças e diferenças entre hábitos, práticas e comportamentos, seres humanos e subjetividades<sup>13</sup>.

Dessa maneira, ao se trabalhar com a tríade físico-espiritual-cultural, como no caso do terreiro – que dentro da sua própria auto-organização existe um modo de produzir saúde que extrapola as informações técnico-científicas das práticas convencionais – é possível ter uma compreensão ampliada sobre o processo saúde-doença-cuidado e as mais diversas abordagens terapêuticas tradicionais<sup>13</sup>.

O cuidado integral com a saúde implica considerar que o ser humano é detentor de diferentes dimensões que o compõem. Dentre tais dimensões, as que mais trazem controvérsias e dúvidas entre os profissionais da saúde são as que estão no campo da subjetividade, como a religiosidade e a espiritualidade, mesmo que existam várias evidências científicas que comprovem que as mesmas sempre tiveram relevância na vida das pessoas.

Uma vez que alimentar-se está além de um ato biológico, implicando também em aspectos culturais, sociais, psicológicos e espirituais, o projeto intitulado “Práticas Alimentares e Terapêuticas em Comunidades Tradicionais do Recôncavo da Bahia” objetivou conhecer as práticas alimentares e terapêuticas em terreiros de candomblé, a importância da alimentação e a relação da mesma com o bem-estar físico e espiritual dos adeptos da religião.

## **Metodologia**

O estudo apresenta parte do resultado do projeto de pesquisa “Práticas Alimentares e Terapêuticas em Comunidades Tradicionais do Recôncavo da Bahia”, num grupo composto por cinco estudantes dos cursos de nutrição, psicologia e medicina, num recorte etnográfico no qual foi levado em conta o recôncavo baiano como uma região que possui majoritariamente uma população negra e que as

religiões de matriz africana fazem parte do cotidiano local. Trata-se de uma pesquisa qualitativa<sup>iii</sup>, exploratória, com uma abordagem observacional e descritiva.

Inicialmente, foi feito um levantamento da literatura relacionada ao tema desta pesquisa, por meio das bibliotecas virtuais do Scielo e Bireme, como também de teses, dissertações, livros e capítulos, relacionados ao tema (Quadro 1), servindo como referenciais teóricos deste estudo.

Posteriormente, foi realizado um mapeamento e levantamento das Comunidades Tradicionais (terreiros de candomblé) dos municípios selecionados.

Cidades do Recôncavo	Nº Total de Terreiros	Nº Total de Terreiros Pesquisados
Cachoeira	48	3
São Félix	22	1
Cruz das Almas	35	3
Santo Amaro	60	1
Santo Antônio de Jesus	23	2
TOTAL	188	10

Quadro 1. Total de Terreiros de Candomblé dos Municípios Selecionados. Fonte: SEPROMI<sup>15</sup>

Ocorreram reuniões de coordenação do projeto, com a finalidade de instrumentalizar os discentes sobre o funcionamento da pesquisa e ações que seriam desenvolvidas durante o andamento das atividades. Posteriormente, foi estabelecido contato com as lideranças das casas selecionadas para execução do projeto, bem como o levantamento das Comunidades Tradicionais.

Cidades do Recôncavo	Terreiros selecionados
Cachoeira	Casa Paulo Dias Adorno, Terreiro de Oxalufã e Roça do Ventura
São Félix	Terreiro Ologum Edé
Cruz das Almas	Terreiro Ilê Axé Oju Oluáê, Lambaranguange de Nzambi e Onzo Mukumbi
Santo Amaro	Terreiro Ilê Axé Omi Orumi Oxum
Santo Antônio de Jesus	Terreiro Inzo Guinzo e Ilê Axe Ewe Lafé
TOTAL	10 terreiros

Quadro 2. Terreiros selecionados. Fonte: Cazaes<sup>16</sup>.

Em seguida, ocorreram visitas aos terreiros, a fim de criar vínculos com as comunidades e parcerias, explicitar os objetivos do projeto e ter o aceite dos sujeitos envolvidos.

Foram subdivididos dentro do grupo as cidades e os terreiros que cada componente do projeto ficaria responsável, e o questionário foi previamente estruturado e constituído por perguntas que abarcasse os planos de ação referente à temática escolhida por cada estudante, para que por fim fosse construído um banco de dados ao qual todos tivessem acesso.

As entrevistas foram realizadas no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2024, com duração de 3 horas cada. Os questionários foram respondidos por integrantes dos terreiros, os chefes espirituais (Babalorixás, Ialorixás, Ekedis e Ogãs), e coletados por meio de registro fonográfico e vídeos. Todas as entrevistas aconteceram com a permissão dos entrevistados que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido previamente. Vale ressaltar que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa com o parecer 027-10/CEP-ISC em 27/05/2010, pois o presente projeto deriva do projeto Concepções e Estratégias de Segurança Alimentar e Nutricional entre os Terreiros de Candomblé de Novos Alagados – BA, anteriormente desenvolvido e também está registrado na gestão de pesquisa do CCS/UFRB.

## **Resultados e discussão**

A concepção de saúde nos terreiros de Candomblé é intrínseca ao seu sistema religioso e cultural, oferecendo uma visão holística que abrange não apenas o corpo físico, mas também o psicológico, emocional e espiritual. Nos terreiros, a saúde é entendida como um estado de equilíbrio entre o indivíduo, a comunidade em que encontra-se inserido, a natureza e os Orixás, e qualquer desequilíbrio perceptível é visto como uma manifestação de desarmonia entre esses aspectos. No Candomblé, a doença não é vista apenas como uma condição biológica ou ausência de doença, mas também como um desequilíbrio no relacionamento do indivíduo com sua comunidade e seus ancestrais. A doença pode ser interpretada como uma manifestação de conflitos internos, emocionais ou espirituais, tanto a nível pessoal quanto coletivo.

Primeiro, a gente pensar que a nossa ideia de saúde é uma perspectiva ramificada a partir da nossa identidade religiosa. Entender que hoje, no estágio contemporâneo que se fala muito de preservação, historicamente nós sempre o preservamos. Nós preservamos as nascentes, porque essas nascentes nos dão água e nos dão vida. E que promovem, inclusive, que mantém a saúde. E aí pensar que quando a gente cuida da mata e que a gente se relaciona com essas matas é entender que a gente traz desse lugar os elementos da nossa saúde. Pensar não apenas no chá e na horta, mas pensar nessa relação que se constroi entre o sagrado e a natureza. Embora hoje no estágio contemporâneo se fala muito de preservar, de equilíbrio, de cuidado, as religiões de matriz africana sempre o fizeram. E é exatamente a parte dessa lógica que a gente trabalha na manutenção dessa saúde, que é uma saúde física, mas que também é uma saúde mental. Então esse é um dos elementos que nos leva a nos conectar com a saúde. Pensar a saúde da forma mais contemporânea é pensar que o que a gente come é gerador de saúde, o que a gente cuida é gerador de saúde, porque quando a gente cuida do espiritual, quando a gente cuida da cabeça, a gente traz saúde pro corpo, né? *Mente sã corpo são*, a que pese esse chavão, e isso é muito importante nós sempre o fizemos. É de forma secular, né? (Ekedi Marina, Roça do Ventura, 2023).

Mota<sup>7</sup>, caracteriza o *candomblé* como uma religião que busca por meio dos rituais “restabelecer a unidade perdida entre o *aiê*, o mundo físico, a terra e o *orun*, o mundo sobrenatural das entidades divinas ou *orixás*”. A desordem ou a perda de ligação na relação entre essas dimensões pode configurar um quadro de vulnerabilidade e ocorrência de problemas de saúde. Mas a doença também pode ser consequência de problemas físicos, embora comporte uma dimensão espiritual, seja pelo não cumprimento de obrigações, por problemas no processo de iniciação, pela influência do espírito de mortos ou pela ação maléfica dos vivos.

Podemos observar que o terreiro é um espaço de produção de saúde e dos rituais da preparação do alimento, o alimentar dos deuses (as oferendas) e a própria alimentação são práticas sagradas que contribuem para hábitos que promovem o do bem-estar físico e espiritual, e ambas as coisas corroboram para a promoção da saúde.

Miriam Cristiane Alves e Nedio Seminotti<sup>iv</sup> trazem em seu artigo “Atenção à Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro” que:

No terreiro, a concepção de saúde que permeia o simbólico e o concreto, o natural e o tecnológico, o mítico e o empírico que se complementam e constituem o sentido de integralidade vivido nessa comunidade.

No terreiro são produzidas práticas terapêuticas com ações de prevenção e promoção da saúde fundamentada em uma cosmologia que integra o mundo

físico e o espiritual. Portanto, acredita-se que tais mundos coexistem, são interdependentes e se complementam, constituindo uma unidade cósmica na qual todos os elementos ou entes estão conectados. O mundo físico é visível e palpável, e o espiritual invisível, imaterial. Trata-se de um modo de compreender o mundo e, conseqüentemente, o processo saúde-doença, com base em uma cosmovisão mítico-religiosa e, ao mesmo tempo, no campo da visão sistêmica complexa, na medida em que concebe a dialógica entre os mundos físico e espiritual (p .88).

Nos terreiros, algumas práticas possuem função terapêutica, que propicia o equilíbrio, como banho de ervas, defumações e oferendas (por meio de alimentos). Essas práticas são conduzidas por sacerdotes (babalorixás e ialorixás) e tem como objetivo reequilibrar o corpo e o espírito, remover energias negativas e proteção.

Tem partes de saúde que o médico cura. Mas tem muita gente que sente isso, sente aquilo e não é problema de saúde, aí é outra coisa. Você está entendendo? Por exemplo, você vem, eu vou olhar isso, aquilo, ah está acontecendo isso com você. Aí eu vou ver, se for de saúde vai dar problema, coração, pulmão, fígado, liga do rim, esse tipo de coisa. Mas se não der, é coisa, ou que mandaram ou que encostou. Porque também encosta. Aí você pega, começa a sentir, aí vai para médico, tem gente que gasta a fortuna toda e não fica bom. Porque é alguma coisa que entrou, então só vai ficar bom se der tempo cuidar em médico fazendo alguma coisa. Então se não der tempo, já é porque a pessoa facilita tanto que passa de tempo e a pessoa não acredita. a gente tem que olhar se o problema é medicinal ou se é espiritual. Então, o que é que ocorre, se for espiritual, eu vou entrar, vou dizer, se a pessoa não puder fazer nada naquela época, eu vou ter que rezar, dar uns banhos para melhorar ( Pai Teodoro- Ogodô Dey,2024)

A alimentação nos terreiros de Candomblé é profundamente interligada à saúde, espiritualidade e cultura, sendo entendida como parte essencial de um sistema de equilíbrio que envolve o corpo, o espírito e a conexão com os Orixás. A escolha dos alimentos e a maneira como são preparados e consumidos no Candomblé vão além da nutrição física: refletem respeito aos preceitos religiosos e têm o poder de purificar e fortalecer

A alimentação no terreiro é muito importante é... pra quem tá de obrigação, principalmente, né? Porque como se fosse uma limpeza física... limpeza da mente e do corpo também da parte interna e a parte externa... porque, por exemplo, no dia de hoje, sexta feira, a gente não come azeite... é peixe... peixe é uma coisa leve; aí já come inhame... uma coisa leve, já come um acaçá feito pelas próprias pessoas da casa, que é um milho branco. Então, no terreiro, no axé, tem muita comida que é de benefício para a saúde das pessoas. (Ekedi Cleuza – Terreiro Ogum Mege, 2024)

Nota-se que a alimentação possui uma grande representatividade dentro do terreiro do candomblé, perpassando os valores biológicos e tornando-se um instrumento sagrado e de grande simbolismo. Isso fica evidente quando refletimos sobre como a alimentação biológica e a espiritualidade estão conectadas, ainda que, cada um compunha a base da religião de maneiras diferentes. Sendo tal correlação explicitada na declaração abaixo:

O que a gente come, o que a gente oferta, o que a gente consome, né? Até porque o grande perigo está naquilo que a gente leva para a boca e se a gente leva para a boca de forma cuidadosa a gente gera saúde e essa saúde inclusive é perpassada a todos os nossos, vem desde lá de trás e chega até aqui e o nosso desejo é que quem está chegando também tenha essa compreensão porque nós precisamos entregar esse corpo que é morada do sagrado, esse corpo precisa estar bem, então para estar bem a gente precisa ter todo esse cuidado de cuidado e é por isso que a nossa cozinha é uma cozinha cuidadora, o nosso terreiro é um espaço de cuidar, a gente cuida a partir desse lugar, na integralidade, então desse jeito nós somos promotores de saúde, desse jeito a gente consegue fazer com que a tranquilidade interna retome o indivíduo e dê a ele a tranquilidade necessária para que ele conduza a vida com saúde e com sabedoria. (Ekedi Marina, Roça do Ventura, 2023)

Para Pai Marcelino, um dos entrevistados, a alimentação permeia o campo biológico, mas também é um dos pilares fundamentais para a base estrutural da religião, tornando-se um elemento imprescindível para a relação da nutrição com a espiritualidade.

A gente tem basicamente o que a religião afrodescendente ensina há milhões de anos, é que sem o alimento não se faz nada, porque antes da natureza criar a primeira célula, o primeiro animal unicelular, criou o alimento que é o limo. Nenhuma célula unicelular vive sem o alimento, então para a gente da religião do Candomblé, o alimento é a base de tudo, por exemplo, a gente tem o alimento... a gente tem o alimento que a gente faz: o ebó. Todos os ebós têm alimento tanto pra curar doenças materiais como doenças espirituais tudo é feito com alimento e toda oferenda que se faz aos Voduns<sup>v</sup>, Orixás ou Inquices, no meu caso (cada língua é vodun, espiritualidade) chamada vodun toda alimentação que a gente faz para o

Vodun a gente também come, agora cada vodun tem uma, tem um tipo de alimento de preferência de cada um deles e tem o alimento básico de todos os voduns toda espiritualidade vodun que é o milho” (Marcelino, Casa Paulo Dias Adorno – Cachoeira, 2016 ).

A Nutrição é a ciência que estuda os alimentos e nutrientes e a sua relação com o bem-estar e com a saúde. Alimento é toda substância que, ingerida ou absorvida por um ser vivo, o alimenta ou nutre. O hábito de se alimentar não se restringe apenas a aspectos biológicos, por isso a importância de considerar o indivíduo em todas as suas dimensões<sup>11</sup>. Segundo Fischler<sup>18</sup>, a alimentação conduz à biologia, mas é evidente que não se reduz a ela; o simbólico e o onírico, os signos, os mitos, os fantasmas também alimentam e possuem influência na nossa alimentação. Já para Da Matta<sup>19</sup>, comida não é apenas uma substância alimentar, mas é também um modo, um estilo e um jeito de se alimentar. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere.

No candomblé, a alimentação possui força vital, e essa força está contida nos elementos da natureza e pode ser transmitida por meio dos reinos animais, vegetais e minerais, e os elementos materiais, como a alimentação, por exemplo. Essa energia é transferida aos seres desde a escolha, os rituais de preparo, até a oferta dos alimentos. Isso pode ser observado nos relatos sobre os rituais para a preparação dos alimentos e oferecimento aos orixás. Como podemos ver na declaração abaixo:

Na hora que tá preparando não, agora na hora de arriar é que tem as cantigas, os toques. Se você que tá oferecendo aquela oferenda ao Orixá, a Euede ou o Babalorixá tem que passar pela sua cabeça, pode bater na sua cabeça três vezes, na sua mão, mandar você arriar lá no chão três vezes, bater lá tem tudo isso. Na hora de suspender também é a mesma coisa, e aí vem o resguardo que durante aquele dia você não pode sair do resguardo santo e conforme a obrigação você não pode, tem que levar 21 dias preso ali dentro do coisa. Porque lá na roça do Ventura ninguém quer ir mais hoje porque lá era 1 ano e 2 meses, 1 ano no Orixá e 2 meses no Erê de Grau, hoje todo mundo tem seus maridos, seus empregos, como é que pode ficar numa casa 1 ano e 2 meses? E se não tivesse dinheiro pra pagar ficava mais 1 ano pra pagar o trabalho do Pai de Santo (rsrs)” (Heraqui – Terreiro de Oxalufã- Cachoeira, 2016).

Ribeiro<sup>20</sup> afirma que, na nutrição, o alimento é o fornecedor de nutrientes vitais. Então, cientificamente, analisa-se cada parte de que é composta uma preparação e se tenta estabelecer uma relação entre a comida, a saúde e/ou a doença. Ao contrário do que acontece com a alimentação, no candomblé, a comida deixa de ser um elemento a ser analisado apenas no âmbito biológico e passa a ser uma confluência entre o sagrado e os seres humanos.

Então a espiritualidade não se alimenta do bolo, ele se alimenta da energia da força de vida que sai de cada alimento, então quando a gente prepara uma oferenda para o orixá ele já tá recebendo a oferenda. Desde o tempo que você já tá com ele em cima do fogo cozinhando, aquele perfume que é uma energia viva é o que orixá recebe, a mesma coisa quando a gente vai fazer um trabalho de limpeza em alguém que se chama ebó, quer dizer limpeza, você usa comida, então quando a gente vai fazer um trabalho para uma pessoa que está com energia negativa, então o nome da pessoa já está com você a pessoa vai chegar em seguida aí quando você começa a preparar toda aquela energia já vai envolvendo a pessoa que vai ser beneficiada, então quando a gente passa os alimentos com orações acompanhadas de 1001 currões que é o que mais a religião tem são orações, e aí comida, tudo é a base de comida, nada é sem alimento.” (Marcelino, Casa Paulo Dias Adorno – Cachoeira,2016).

Na citação acima, observamos que a correlação do bem-estar e alimentação, ainda caminha no âmbito da subjetividade e, para os adeptos do candomblé, o axé dos alimentos é perceptível ao corpo, e nutre a alma.

Então, no candomblé, alimentar-se não é simplesmente o mesmo que comer. Segundo Carneiro<sup>21</sup>, a fome biológica distingue-se dos apetites, expressões dos vários desejos humanos e cuja satisfação não obedece apenas ao simples trajeto que vai do prato à boca, mas se materializa em hábitos, costumes, rituais e crenças. Desse modo, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come e com quem se come.

Nesta relação, a comida deixa de lado os seus aspectos nutricionais e passa a ser um elemento para a nutrição espiritual, por meio de restrições e oferendas, as crenças são representadas e cultuadas pelos adeptos. Isso pode ser observado quando analisamos nas entrevistas este aspecto, os interlocutores falam o que sentem quando estão alimentando o santo.

Para Idelson significa:

Tudo, porque você alimentar o orixá é você viver a prática do orixá é o sangue né? É que o povo tem essa...mas sangue pra nós é vida, então você alimentar o orixá é você está tendo vida, então é tudo.” (Carlos Idelson – Casa Logun Edé- Cachoeira,2016).

Cada orixá tem alimentos específicos. Esses alimentos são oferecidos em rituais, como oferendas e para alimentação. São preparados com cuidado, seguindo rituais específicos que garantem a sua pureza espiritual. O ato de escolher, preparar

e compartilhar esses alimentos fortalece a ligação entre indivíduo e a espiritualidade. É por meio dessa troca energética que há a transferência de energia vital e abertura de caminhos espirituais. As oferendas de alimentos para os Orixás são parte essencial da ritualística. Os alimentos são preparados e dispostos com cuidado, e alguns ingredientes são proibidos em certas ocasiões. Esses elementos reforçam a disciplina e o respeito aos fundamentos do Candomblé, além de promoverem uma conexão com a natureza, como podemos observar na fala da Ekedí Marina (2024):

Ver o alimento como um mecanismo de religião de conexão, né? Não dissociar isso do conjunto do nosso sagrado que a todo tempo atua conosco, depois poder pensar de que o papel da alimentação, e é inevitável que todo ato dentro de um espaço como esse, ele é ritualístico, é um rito né? A gente não vai como vai para uma cozinha comum, primeiro que a gente vai para uma cozinha tratar cuidar alimentar, mas dentro de um espaço como esse a cozinha ela não cumpre só o ato fisiológico de satisfazer o corpo, né? Ele tem um papel que é de extrema relevância, que acaba levando a gente cada vez mais a estar conectado com o sagrado que nós estamos a serviço, e isso é muito importante então pensar na comida que alimenta, e essa mesma comida que nos sustenta, nos deixa de pé, e isso é muito importante. Quando a gente pensar “ah, eu vou fazer uma feijoada” por exemplo, pra fazer aquela feijoada, como é que a gente faz? De que forma a gente organiza para que a gente garanta primeiro a segurança dos alimentos, o não risco das contaminações, porque elas existem e aí esse cuidado que a gente precisa ter é a gente tem é isso inclusive que faz com que a nossa comida ela tenha esse caráter de ancestralidade, né? Olhar uma feijoada que é uma feijoada secular, olhar eu diria até nos mínimos detalhes quando a gente faz um bolinho de tapioca, por exemplo, parece que é algo “não é você só juntou dois ou três elementos”, mas ele tem uma importância né, e no conjunto daquela formação para que o resultado final ele seja satisfatório. Então é ritualístico, é entrega, é entrega, a cozinha é entrega e eu sempre digo nos lugares por onde eu passo pra mim é felicidade porque eu sou uma mulher de cozinha, e recebi a tarefa de estar na cozinha, e pra mim é uma satisfação muito grande, e olhar e perceber de que aquilo que a gente está fazendo utilizando as nossas mãos né? Na grande maioria e aqui a gente conserva a ideia de, ah, se é pra ralar um o coco então a gente vai ralar o coco, né? Se é pra fazer de forma tradicional a gente vai fazer de forma tradicional, se precisar trazer os multiprocessadores, as batedeiras etc. etc., que é pra fazer o bolo a gente vai fazer o bolo, porque a gente entende que cada movimento que a gente vai fazer ali da colher na vasilha, ela carrega um pouco de nós Então a cozinha é isso a comida é isso, né? Ela leva um pouco de nós, distribui um pouco, assim como o outro e todos os outros que a consomem também devolvem essa energia de bem estar, de alegria, de felicidade. E é isso que a gente acredita, né? É olhar o alimento tão importante quanto olhar e viver a presença da vela, olhar e viver a presença de um rito sagrado interno pra nós ele responde da mesma forma, precisa ter esse desejo de conectar mas precisa ter essa doação, né? Olhar pra esse senhor aqui de 40 e poucos anos

que vive aqui desde os 6 e olhar e dizer assim, né? Eu tenho essa biblioteca viva do meu lado e eu tenho obrigação de fazer com que essa cozinha, sobretudo para os outros e para as outras que estão vindo, perceba o quanto é importante essa conexão. Nós não estamos desconectados porque estamos na cozinha, nós estamos todo o tempo nesse solo sagrado conectados, né? Não é à toa que eu venho passando por aqui, né? E a gente se conecta. É muito disso. A religiosidade de matriz africana consegue trazer de forma oral atravessar o Atlântico, chegar a esse lugar e manter vivo todos esses elementos. E essa herança da cozinha, por exemplo, que muito me honra ser uma mulher de candomblé e ser uma mulher de cozinha é exatamente poder me ver conectado com essa ancestralidade africana e que a cada dia faz com que nós, as nossas vidas, os nossos negócios, o nosso cotidiano, ele seja cotidiano de saúde, alegria e é isso que a gente quer, né?

Comer além da boca possui um significado ampliado, sobretudo nas religiões afro-brasileiras. Comer é acionar o axé que é a energia e força fundamental na vida do indivíduo. Juntos, o modo de preparo, os saberes, e os rituais farão a transmissão do axé. À medida que o orixá se alimenta, ele também transfere o seu axé, mas, para que essa transmissão energética ocorra, é preciso que se tenha uma série de cuidados com o alimento oferecido, e que este seja bem preparado, dentro dos saberes da culinária afro-brasileira, visto que a falta ou a presença de um ingrediente fora do contexto pode ter implicações na não aceitação da divindade. Os deuses não são apenas comilões, possuem as suas peculiaridades, e assim como os mortais, apreciam o que é bom, e possuem as suas preferências<sup>8</sup>.

Então, a alimentação está muito relacionada à energia de troca. A partir do momento que o alimento está ali sendo preparado, escolhido, oferecido, a troca de energia com o sagrado já está acontecendo. A preparação dos alimentos nos terreiros na maioria das vezes é uma atividade coletiva. Os membros participam do preparo e do consumo das refeições, promovendo uma troca de conhecimentos e um fortalecimento dos laços. Essa interação contribui para o bem-estar emocional e para o senso de coletividade e pertencimento; essa energia também chega até o outro por meio da afetividade. E a partir do momento também que ele ingere esse alimento que sente essa sensação de bem-estar, ele também transfere essa energia de reconhecimento, de gratidão para quem o preparou. Para Eugênio<sup>2</sup>, oferecer alimento aos deuses do Candomblé é ter insigne honra de “comer” com eles, garantindo, dessa forma, a presença dos orixás na vida das pessoas.”

Segundo Freitas<sup>9</sup>, a relação da alimentação, corpo materializado e espiritual, no contexto religioso, possui propósitos de prevenção de enfermidades e curas. No candomblé, por exemplo, há símbolos que se referem à qualidade de uma dietética cultural, que não está relacionada ao campo biomédico, e que pode manter restrições tradicionais como as quizilas<sup>vi</sup> - para prevenir enfermidades do corpo e da mente – mas também pode subsidiar as práticas alimentares saudáveis, devido à forte interação da religião com a natureza e de todas as coisas provenientes dela.

Então, falar sobre religiosidade, força e fé está intrinsecamente ligado à subjetividade do indivíduo, e do ser humano em todas as suas dimensões. Desta maneira, buscando compreender a relação entre crença e bem-estar, os entrevistados revelaram que:

Há, e como há, há sim, sabe por quê? Porque se você está acostumado a todo ano dar na época certa você dá aquela alimentação, a fazer aquele tipo de obrigação, e se você deixar de dar, se você até não puder dar porque não pôde dar talvez até a coisa fique meia pra você não fique ruim assim, mas você pegar um dinheiro e jogar fora e esquecer de fazer o que fez você paga caro (Heraqui – Terreiro de Oxalufã -Cachoeira, 2016 ).

E por fim, entendendo que o candomblé e os terreiros são além de um espaço religioso, um local que produz saúde nas diversas vertentes, mas ainda buscando compreender o conceito de saúde no ponto de vista da religião, os entrevistados falaram sobre o que a alimentação representa para a saúde , ao afirmarem que:

Tudo, porque a gente, além da alimentação, a gente dança, então a dança está inserida no bem-estar, alimentação, é a única religião que se preocupa em alimentar os seus, é a única religião que dá comida aos seus adeptos, então é uma preocupação com o bem-estar do próximo também né? Principalmente aqui no Brasil onde existia a muitos anos atrás a fome, então a preocupação deles entre eles como eram escravizados e o preconceito então eles tinham essa coisa de alimentar. Então utilizava o que era para os orixás e a comida pra alimentar, alimentava o espírito e a matéria, tem toda uma importância nisso. Na dança a gente perde muitas calorias (rsrs). É tudo, essa preocupação (Carlos Idelson – Casa Logun Edé- Cachoeira, 2016).

O conhecimento da complexidade das conexões espirituais que se desenvolvem no interior de um terreiro de candomblé, muitas vezes, não é algo mensurável até mesmo pelos adeptos, apresentando-se assim, como um complexo sistema religioso. Dessa forma, observa-se que a alimentação é algo intrincado nessa religião, que pode-se até dizer que um não vive sem o outro, assim como o

bem-estar físico e espiritual estão interligados e juntos compreendem a concepção de saúde no candomblé.

O consumo ou a proibição de determinados alimentos, segundo a teoria popular, apesar de algumas vezes se diferenciarem dos modelos científicos oficiais, não devem ser considerados irracionais ou desprovidos de uma lógica e/ou de uma consistência interna, mas principalmente devem ser considerados pela riqueza de subjetividades que contêm. Desta forma, o paradigma biológico da nutrição onde o econômico, o social e o cultural se reduzem a fatores ou variáveis sobrepostos a uma visão biologizante das doenças, devem ser repensados<sup>22</sup>.

Gogubila afirma que o que sente:

É a força o axé do Santo que o Santo recebe ali, então aquilo passa que é a força que vem aquele axé, aquela coisa boa que a gente recebe (Gogubila – Terreiro Lambaranguange de Nzambi – Cruz das Almas, 2016).

Marcelino acredita que:

É como se fosse uma... é um ritual de oração. O mesmo que eu sinto quando eu entro no meu quarto de Santo às 18:00 hs da tarde eu faço um currã 6:00 hs da manhã. Você está sacrificando pro vodun, você lava os animais incensa os animais têm cânticos para sacrificar os animais têm a maneira de sacrificar você não pode dar tombo, você não pode bater você não pode machucar o animal, tem todo o ritual todo comportamento sagrado que a gente considera sagrado para fazer oferenda e não se faz oferenda sem antes perguntar.(Marcelino, Casa Paulo Dias Adorno – Cachoeira, 2016 ).

Já Maria, descreve o sentimento de alimentar o santo como algo que seja impossível de descrever, apenas o corpo é capaz de compreender e absorver os benefícios deste momento sagrado:

Eu sinto vibrações positivas (Maria Raimunda do Terreiro Ilê Axé Omi Oromi Oxum - Santo Amaro da Purificação, 2016).

### **Considerações finais**

O modo de se compreender e agir no mundo vivido no terreiro constitui um conjunto de saberes, valores, crenças e verdades legitimadas pelos seus adeptos e que, muitas vezes, acabam se contrapondo, sendo desconhecidos ou deslegitimados quando comparados aos saberes e verdades técnico-científicas dos profissionais de saúde.

A alimentação no contexto do candomblé tem um papel simbólico de comunicação entre os seres e os deuses e é por meio das trocas energéticas (biológicas e espirituais) que eles nutrem e são nutridos. Alimentar-se, além de um ato biológico, é um ato sociopolítico, afirmador de crenças e representativo no que diz respeito à religiosidade. Alimentar-se é também nutrir a alma!

Os conhecimentos originados por meio deste estudo, além de reconhecer a importância das práticas alimentares e de saúde em comunidades tradicionais de matriz africana, constituem uma fonte potencial de informações e de dados para os que trabalham com populações negras, com espiritualidade no âmbito da subjetividade e com a saúde da população em geral.

Os povos tradicionais são detentores de saberes sobre a natureza e uma rica cultura que foi adquirida ao longo de várias gerações. Tais conhecimentos são de extrema importância para as diversas áreas da ciência, sobretudo, para a área da saúde. Levando em conta que o profissional da área de nutrição tem como responsabilidade a contribuição para a promoção, manutenção e recuperação da saúde por meio da alimentação e que o conceito de saúde engloba o ser humano nas suas diversas dimensões e subjetividades, a religiosidade também deve ser compreendida como algo intrínseca ao ser humano, já que este não nasce geneticamente preparado para um contexto social, e necessita de elementos culturais que se tornarão determinantes para a formação dos hábitos alimentares.

Assim, faz-se necessária uma reflexão da importância dos conceitos que permeiam o campo da subjetividade, e a percepção dos seres humanos como detentores de subjetividades, compreendendo que o bem-estar físico e espiritual e os saberes científicos e populares se complementam nas suas peculiaridades, sem necessariamente serem antagônicos.

## REFERÊNCIAS

1. Lody R. Tudo come e tudo se come: em torno do conceito de comer nas religiões afro-brasileiras. In: O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas; 1998.
2. Eugenio RW. A formação do candomblé no Brasil. In: Candomblé a panela do segredo. São Paulo: Mandarim; 2008.

3. Romio E. Brasil 1500/2000. In: 500 anos de sabor. São Paulo: ER Comunicações; 2000. p. 59-61.
4. Ligiéro Z. Iniciação ao candomblé. São Paulo: Record; 1993. p. 31.
5. Poulain JP, Proença RPC. Sociologia da alimentação. Nutr Pauta. 2004;(68):7-12.
6. Santos DM. História de um terreiro de nagô. São Paulo: Max Limonad; 1988.
7. Bacelar J, Caroso C. As dietas africanas no sistema alimentar brasileiro. In: Faces da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas; 1999. p. 319-25.
8. Bastide R. O candomblé da Bahia. São Paulo: Companhia das Letras; 2003.
9. Freitas MCS, Minayo MCS, Fontes GAV. Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. Cienc Saude Colet. 2011;16(1):31-8.
10. Backes D, Stein [et al.]. Oficinas de espiritualidade: alternativa de cuidado para o tratamento integral de dependentes químicos. Rev Esc Enferm USP. 2012;46(5):1254-9.
11. Fisberg RM, Villar BS, Colucci ACA. Alimentação equilibrada na promoção da saúde. In: Cuppari L, editor. Guias de medicina ambulatorial e hospitalar: nutrição clínica no adulto. São Paulo: Manole; 2002. p. 47-54.
12. Silva NP [et al.]. Comportamento alimentar no campo da Alimentação e Nutrição: do que estamos falando? Physis. 2016;26(4):1103-23.
13. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS - PNPIC-SUS. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2006.
14. Denzin NK, Lincoln YS. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2a ed. Porto Alegre: Artmed; 2006.
15. SEPROMI (Secretaria de Promoção da Igualdade Racial). Mapeamento dos Espaços de Religião de Matrizes Africanas do Recôncavo. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia; 2012.
16. CAZAES, Melira Elen Mascarenhas. No ritmo do compasso, a melodia das filarmônicas em harmonia com o tempo: um estudo sobre a Lyra Cecilianiana e a Minerva Cachoeirana (1960-1980). 2015. 184 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015.  
Tipo de acesso: Acesso Aberto  
URI:<http://localhost:8080/tede/handle/tede/160Data> de defesa:24-Jul-2015.Aparece nas coleções: Coleção UEFS
17. Mota CS, Trad LAB. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. Saude soc [Internet]. 2011Apr;20(2):325-37. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200006>
18. Fischler C. El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama; 1995.

19. Damatta R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco; 1986.
20. Ribeiro D. Concepções e Estratégias de Segurança Alimentar e Nutricional entre os Terreiros de Candomblé de Novos Alagados/BA. Salvador; 2013.
21. Carneiro H. Comida e sociedade: uma história da alimentação. Rio de Janeiro: Campus; 2003.
22. Canesqui AM, Garcia RWD, organizadores. Antropologia e nutrição: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005.
23. ALVES, M. C.; SEMINOTTI, N. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. Rev. Saúde Pública . 2009, vol.43, pp.85-91. suppl.1. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009000800013>. Acesso em: 21 de Setembro de 2017.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO	
<b>Contribuição dos autores:</b>	Yasmim Mascarenhas: Conceituação, curadoria de dados, análise formal, investigação, metodologia, visualização, primeira escrita, revisão e edição. Denize de Almeida Ribeiro: Conceituação, análise formal, metodologia, visualização e revisão.
<b>Financiamento:</b>	Não se aplica
<b>Aspectos éticos:</b>	027-10/ CEP-ISC em 27/05/2010
<b>Apresentação prévia:</b>	Não se aplica
<b>Agradecimentos:</b>	Não se aplica
<b>Histórico:</b>	<b>Submetido: 19-11-2024</b>   <b>Aprovado: 27-12-2024</b>

<sup>i</sup> Os orixás são deuses africanos que correspondem a pontos de força da Natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças.

<sup>ii</sup> Força, poder.

<sup>iii</sup> Segundo Denzin e Lincoln<sup>14</sup>, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

<sup>iv</sup> Alves MC, Seminotti N. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. Rev Saúde Pública [Internet]. 2009 Ago [citado 2024 Fev 20];43(Supl 1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000800013>

<sup>v</sup> Vodun e Inquices : deuses/espíritos.

<sup>vi</sup> Tudo aquilo que provoca energia contrária à do axé, são as energias contrárias as energias positivas dos orixás.